

Humanismo, técnica e bem-estar

Silvano Severino Dias¹

Resumo

Nosso objetivo é descrever como Lipovetsky compreendeu a convergência entre técnica e bem-estar, na sociedade do século XXI. Para este autor, com a emergência de novas tecnologias, mídias, audiovisuais, ciberespaço, redes sociais, e com o advento da sociedade de consumo, o capitalismo criou um modelo cultural que transcende as fronteiras nacionais, e impulsiona a indústria cultural globalmente. Esse paradigma cultural se apropriou das esferas de vida social e existencial, e criou normas, valores, objetivos que foram difundidos por meio da tecnociência, que afetaram nas formas de relações do indivíduo consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Com esse entrelaçamento entre tecnologia e bem-estar individual, na sociedade de consumo, a ideia de bem-estar é traduzida como conquistas individuais e de aperfeiçoamentos dos indivíduos, que consome tais produtos. Essas conquistas são perceptíveis, por exemplo, com o acoplamento de próteses junto ao corpo físico do indivíduo tem possibilitado a melhoria na sua performance diária. Mesmo com essas conquistas, o autor evidencia a presença de um mal-estar no indivíduo, pois na medida em que ele consome produtos da sociedade de consumo e os torna como essenciais para a sua vida, seu modo de ser, pensar e existir, ele está criando uma comodidade para a sua vida, e passa a se ver não a partir dos ideais de vida que constitui o ser humano melhor do que já é. Assim, a sociedade de consumo disponibiliza várias coisas, objetos que torna a vida humana mais confortável, mas isso não garante a conquista do bem-estar.

Palavras-Chave: Humanismo. Técnica. Sociedade de consumo. Cultura-Mundo. Bem-estar.

Considerações Iniciais

Lipovetsky (2011) descreve como a hipermodernidade construiu princípios universais concretos de regras, normas e valores, que interferem na vida social e existencial de cada indivíduo. Esses valores não se constituem como um ideal a ser perseguido e conquistado pelo indivíduo. Eles tornaram-se concretos. Segundo esse autor, com a emergência de novas tecnologias, mídias, audiovisuais, ciberespaço, redes sociais, e com o advento da sociedade de consumo, o capitalismo criou um modelo cultural que transcende as fronteiras nacionais, e impulsiona a indústria cultural globalmente. Em outras palavras, o marco desse processo ocorreu com a

¹Mestre em Educação, pela UFU; Especialização em Filosofia, pela UFU e Licenciatura em Filosofia, Faculdades Claretianas de Batatais-SP. Prof. de Filosofia da PUC Minas-Uberlândia-MG. silvanoseverinodias@gmail.com

criação, não somente, do ideário de globalização da economia, mas também da universalização de valores culturais.

Esse novo paradigma cultural, denominado de “cultura-mundo”, propicia a universalização da cultura mercantil e a sua apropriação e divulgação por meio da tecnociência. O indivíduo, ao absorver e nutrir-se desses ideais, sem um senso crítico não percebe que eles afetam as formas de relações do indivíduo consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Causando-lhe, com isso, um mal-estar, uma certa desorientação, chegando até mesmo, a comprometer na constituição da sua própria identidade. Diante do exposto, foram formuladas as seguintes questões-problema: a sociedade de consumo é produtora de bem-estar? Há uma expressão humanista na relação entre técnica e bem-estar?

E para respondê-las foram analisadas as teses defendidas por Lipovetsky, em *A Cultura-Mundo* (2011), que apresentou: 1) A hipermodernidade como criadora de referenciais universais e transnacionais da cultura-mundo (a partir do entrelaçamento entre tecnologia, bem-estar e sociedade de consumo), que tem produzido uma sociedade desorientada, e indivíduos em busca de repensar o seu processo de civilização; e, em *Da Leveza* (2016), esses referenciais elegeram: 2) O ideário de vida leve como um valor, um imperativo que se estendeu a objetos, corpo, esporte, alimentação, arquitetura, design, e que tem produzido um mal-estar na vida concreta e existencial dos indivíduos.

1 Contextualização histórico-filosófica da noção de cosmopolitismo

As reflexões sobre o ideário de um modelo cultural planetário, que constitui e modela a vida social e existencial dos indivíduos não são de hoje. Em sua leitura, Lipovetsky identifica três grandes eras, em que esse ideário ganhou expressão significativa. A primeira expressão desse ideário universal encontra-se, segundo Lipovetsky (2011, p.10), junto as relações “clônicas, políticas, religiosas, mágicas ou parentais”. Nesse período foram desenvolvidas técnicas de observações e de leitura do universo (astronomia), com o intuito de compreender como as leis cósmicas interferiam nos ciclos vitais presentes na botânica, na zoologia. O resultados dessas observações naturais, ao serem interpretados à luz de princípios religiosos produziram modelos de valores, normas e regras que interferiam diretamente na “maneira de viver e pensar” daquela época. Assim, essas normas coletivas sobreponham a todo e qualquer princípio elaborado pela iniciativa individual”. A

dinâmica da vida social e individual eram regidas por esses modelos originários de observações das forças cósmicas e de “potências invisíveis.”

A conquista de uma vida boa, de um bem-estar se dava quando o homem conseguia compreender que a sua vida individual deveria ser organizada e moldada por ideais e valores que o torna mais humano. A partir de então ele perceberia, que um dos motivos de sua existência é o essencial da existência humana é viver em harmonia com a ordem cósmica. (FERRY, 2009).

A segunda era, para Lipovetsky (2011), coincide, ao mesmo tempo, com o surgimento e consolidação das democracias modernas, entre os séculos XVII e XVIII, portadoras dos valores de igualdade, liberdade e laicidade. Ao lançar críticas ao modelo à cosmologia antiga e às autoridades religiosas, os filósofos modernos criaram uma instabilidade sem precedentes à cultura moderna nascente. E com isso: “Desorientados, no sentido literal do termo, os humanos devem ter se preparado para encontrar por si mesmos, e talvez em si mesmos...as novas referências sem as quais é impossível aprender a viver livremente e sem temor”, afirma FERRY (2007, p. 118).

No entanto, com o processo de laicização da cultura, que visava emancipar o indivíduo das coerções, dos ídolos, das superstições, que a tradição persistia manter, a modernidade cria referenciais, princípios universais que nortearão as relações dos indivíduos em sociedade, bem como o seu aperfeiçoamento. Neste sentido, com o propósito de melhorar a humanidade, a modernidade propôs uma nova forma de ler e interpretar as relações do indivíduo consigo mesmo e com seu corpo, com o outro e com o mundo, pautada na “fé na ciência, na dominação tecnológica da natureza, no progresso ilimitado”. (LIPOVETSKY, 2011, p. 12).

Assim, os valores disseminados pelo processo de laicização dos direitos do homem, na época das luzes, tornaram-se em referenciais, que foram projetados e tidos como superiores à própria vida, onde o real deve ser julgado a partir desse ideal.

Enfim, segundo Lipovetsky (2011), o terceiro modelo emergiu aproximadamente entre, fins dos anos 80 e início dos anos 90, do século XX, com o processo de globalização da economia. Agora, afirma Lipovetsky (2011, p.13-4), temos uma “modernidade consumada, uma modernidade reconciliada consigo mesmo e com seus princípios fundadores”, e por isso é preciso avançar. Eis o propósito da hipermodernidade. E, por isso, a cultura-mundo, enquanto expressão

desse ímpeto expansionista, “é uma hipercultura de terceiro tipo que agora tece uma teia sobre o mundo e o centrifuga”. Lipovetsky (2011, p.13-4).

Esta era constitui-se tanto pelo fim de grandes sistemas ideológicos e religiosos, o fim da guerra fria, em parte a dissolução de ideologias progressistas, quanto pela tentativa do indivíduo gerir a sua própria vida. Para isso, ele não mais recorre a um princípio cósmico, nem transcendente, pelo contrário, procura viver a sua vida intensamente, por ela ter se tornado o resultado de suas buscas, e estar envolvido nas atividades que escolheu desenvolver.

No entanto, esse ideário otimista de gestão da própria vida, proposto pela hipermodernidade, que buscava proporcionar liberdade e felicidade aos indivíduos “envelheceu”, e por isso o indivíduo “perdeu a fé em um mundo radioso e sempre melhor.” Restando-lhe as seguintes questões existenciais: “Para onde vamos? De que será feito o futuro?” (LIPOVETSKY, 2011, p. 19). O ideário da cultura-mundo em lugar de proporcionar o bem-estar, lançou o indivíduo em um mal-estar, que deve ser visto, segundo o próprio autor, como um instrumento que torna possível o progresso e a superação de si mesmo, a abertura para os outros, e que se possa ter acesso a uma vida menos estreita como a que foi proposta pelo consumismo.

Em *Da Leveza* (2016) Lipovetsky amplia e aprofunda o debate em torno do entrelaçamento entre tecnologia e bem-estar individual, na sociedade de consumo. Como esse autor descreve esse processo?

2 Em busca de uma vida leve e do bem-estar

A sociedade de consumo e as novas tecnologias estão promovendo uma revolução no campo material e simbólico da cultura-mundo. Ao atribuírem valor positivo a leveza, elevando-a a um patamar de ideário a ser seguido, e um imperativo a ser implementado em diversas esferas como: “objetos, corpo, esporte, alimentação, arquitetura, design”, a “Em toda parte se afirma, no coração da era hipermoderna, o culto polimorfo da leveza”. (LIPOVETSKY, 2016, p. 19). Ele está presente passou a fazer em “todos os aspectos da nossa vida social e individual, nas “coisas” e nos seres, nos sonhos e nos corpos.” (LIPOVETSKY, 2016, p. 19).

Ao elevar-se para o primeiro plano, a leveza ganhou um valor positivo, na era hipermoderna, por estar “associada à mobilidade, ao virtual, ao respeito ao meio ambiente” (LIPOVETSKY, 2016, p. 19), o leve nos apresenta um paradoxo. Ele traz, ao mesmo tempo, uma promessa de um futuro promissor, e de terríveis ameaças.

Por isso, a leveza, segundo Lipovetsky (2016, p. 20):

Ela remete ao nosso cotidiano tecnológico, a um universo que se tornou transitório e nômade. *Small is bete*: nosso cosmo técnico irresistivelmente miniaturiza-se, torna-se mais leve, desmaterializa-se. Ouvimos qualquer música do mundo em aparelhos leves como o ar. Vemos filmes em tablets com telas sensíveis ao toque que cabem no bolso. Microeletrônica, microrrobótica, microcirurgia, o infinitamente pequeno se impõe como a nova fronteira da inovação e do progresso. De agora em diante, a leveza está menos um estilo que nos nossos materiais, nas redes digitais, na extrema miniaturização. Passamos da leveza imaginária para a leveza do mundo.

Em outras palavras, a leveza se impõe como um modo de funcionamento e de cultura global, e com isso ela se torna o coração da era hipermoderna. Pode-se afirmar, então, que “vivemos a era do triunfo da leveza tanto no sentido próprio como figurado do termo”. Estamos inseridos em um “cultura cotidiana da leveza midiática que nos governa, uma vez que o universo de consumo não para de exaltar os referenciais hedonistas e lúdicos”, afirma Lipovetsky (2016, p. 21).

Na esfera dos objetos e das ciências, por exemplo, percebe-se que:

Equipamentos, comunicação, medicina, formação, agricultura, empresas, lazer: todas essas esferas sofreram um abalo radical sob o choque da revolução do leve empreendida pelas técnicas digitais, as nanotecnologias, as biotecnologias. A importância dessa revolução é considerável, uma vez que ela abriu horizontes praticamente ilimitados nos campos do entorno material e natural, da saúde, da própria vida. O leve era o mais insignificante e o mais fácil, tornou-se a maior força da transformação do mundo. (LIPOVETSKY, 2016, p.24).

Devido a essa revolução do leve, o desenvolvimento tecnológico tem possibilitado o aumento da longevidade dos indivíduos, o aumento na produção e distribuição de alimentos, e auxiliado na diminuição da mortalidade infantil. E, com o acoplamento de próteses junto ao corpo físico dos indivíduos, tem possibilitado a melhoria na performance diária do indivíduo.

Para além das transformações de materiais e de instrumentos, na esfera antropológica, a leveza passou a ser um princípio de “organização social”. Trata-se daquela leveza “que se realiza nas figuras concretas observáveis, na história das sociedades e, particularmente, no mundo contemporâneo.” (LIPOVETSKY, 2016, p. 30). Essas realizações possibilitaram a emergência de um “mundo de bem-estar material, de escolha e autogoverno.” (LIPOVETSKY, 2016, p. 31).

No entanto,

a civilização da leveza significa tudo, menos viver de forma leve. Pois, ainda que as normas sociais vejam seu peso diminuir, a vida parece mais pesada. Desemprego, precariedade, casamentos instáveis, agenda sobrecarregada, riscos sanitários – e

podemos nos perguntar o quê, atualmente, não alimenta o sentimento de peso da vida. Por todo lado se multiplicam os sinais de desamparo, das novas faces do “mal-estar na civilização”. (LIPOVETSKY, 2016, p.24).

As conquistas, que a revolução da cultura hipermoderna sob a insígnia da leveza, estão acompanhadas da presença de um mal-estar. Eis a grande ironia, a leveza alimenta o espírito de peso. Por exemplo, na cultura da moda, a leveza encontra-se associada ao corpo esbelto, que para assumir tal forma, o indivíduo precisa renunciar à tranquilidade do *carpe diem*. E, toda e qualquer renúncia do aqui e agora pode trazer o peso da infelicidade pois, nesta perspectiva felicidade e sensação de prazer caminham lado a lado, o bem-estar e o mal-estar.

O que se tem percebido, afirma Lipovetsky (2016), é que o nosso mundo deu origem a desejos de felicidades impossíveis de serem satisfeitos, por isso tem se multiplicado a decepção em relação a uma vida nunca leve. E, com isso, o espírito de fardo tem se apoderado da nossa época. Diante desse paradoxo, a proposta de Lipovetsky (2016) é a de que não se deve demonizar a sociedade de consumo, ou o ideal difundido pela cultura-mundo, pois esse ideal de leveza trouxe conquistas ao indivíduo. Ele apenas deve ser compreendido como sendo insuficiente para a conquista de uma vida bela e serena.

Em suma, ao se exigir que a vida tenha uma certa maleabilidade, a existência do indivíduo na contemporaneidade perde a noção de referência e, assim, a sua existência é desorientada, insegura, e altamente fragilizada. A busca do prazer/felicidade em nossa sociedade tem sido predominante, mas, ao mesmo tempo, a depressão, a ansiedade, o isolamento, a melancolia tem crescido significativamente. O leve não tem conseguido eliminar o mal-estar, o estresse, a degradação da autoestima, a melancolia. Além disso, os indivíduos são acometidos de transtornos de personalidade, problemas de concentração e foco, TDAH, diminui a capacidade reflexiva de profundidade, etc.

Considerações finais

A descrição de Lipovetsky (2011, 2016), sobre a sociedade hipermoderna, apresentou como a indústria cultura e o desenvolvimento técnico científico caminham lado a lado. Essa indústria tem criado modelos, ideais de universais que induzem a criação de objetos, coisas, valores, comportamentos que afetam a

organização da vida social de cada país, assim como a existência concreta dos indivíduos.

Dentre os ideais propostos está o paradigma da leveza, que tem afetado a vida dos indivíduos pautado numa perspectiva hedonista e lúdica. (LIPOVETSKY, 2016, p. 34). O que indica uma concepção humanista, que conjuga prazer/felicidade. Pois, na medida em que cada indivíduo assume ideais e propósitos de vida, produzidos pela indústria cultural e, os adensa ao seu modo de ser, pensar e existir, ele cria comodidade para a sua vida, e deixa de criar por e para si mesmo os seus próprios valores. Com isso, esse indivíduo passa a viver uma existência desorientada, insegura e fragilizada. A sociedade da leveza trouxe contrastes, crises à esfera antropológica, pois as relações dos indivíduos consigo mesmo e com o seu corpo, com o outro e com o mundo, ao mesmo tempo em que conquista comodidade, bem-estar não os deixou mais infelizes, e em situação de mal-estar.

Enfim, o pensamento dominante que marca e indica a sua concepção humanista está apoiado na perspectiva da imanência. Há um processo de transcendência que se efetiva, realiza no plano da imanência. Assim, o progresso tecnocientífico associado à indústria cultural que propõe um contínuo e ilimitado avanço para um futuro melhor; também promove a oposição entre tempo humano e tempo físico, atuando assim, ela achata todo processo vital no plano, no horizonte do mundo físico, social e histórico.

Referências Bibliográficas

FERRY, Luc. Apender a viver: filosofia para os novos tempos. Tradução Vera Lúcia dos Reis. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles & SERROY, Jean. A Cultura-Mundo: resposta a uma sociedade desorientada. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LIPOVETSKY, Gilles. Da Leveza: rumo a uma civilização sem peso. Tradução Idalina Lopes. Barueri, SP: Manole, 2016.

LIPOVETSKY, Gilles. A era do Vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Da Leveza: rumo a uma civilização sem peso. Tradução Therezinha Monteiro. Barueri, SP: Manole, 2005.